

Estratégia: Algo de Novo?

Cel AV
NELSON Ó DE ALMEIDA
Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra

Deve-se atentar, nos escritos do Gen Giulio Douhet (1), para três pontos capitais, sempre presentes no pensamento do grande estrategista:

- 1 — A necessidade de criar-se pensadores militares livres de viéses profissionais, de “deformações” devidas às suas Forças de origem;
- 2 — A capacidade de uma força aérea, “quando devidamente empregada”, de decidir um conflito; e
- 3 — A componente moral, psicológica, envolvida na guerra.

Como consequência do primeiro ponto citado, as posições ainda hoje permanecem radicalizadas, desprezando-se, na prática, o conhecimento de que a guerra é feita pelo emprego do Poder Nacional, como um todo, e não por apenas parte desse Poder que pode desejar, mesmo inconscientemente, prevalecer sobre os outros. E embora tenhamos organizado diversos níveis de pós-graduação no Ensino Militar, parece ainda faltarem aqueles que, no campo militar, tratem da guerra “em geral” e do planejamento do emprego “das forças” e, não, “da Força”.

(1) DOUHET, Giulio — “The Command of the Air” (1921). Trad. por Sheila Fischer, Revista Aeronáutica, Roma, 1958.

Em 1928, escrevia Douhet:

“...e agora falamos dos Chefes Militares, dos pensadores militares: nenhum indivíduo foi capaz de ver mais longe que seu campo particular de origem.”

Afora Douhet, que foi repetido por Seversky, Doolittle e Lavenère-Wanderley, não se sabe de muitos outros pensadores, dos mais citados e estudados, que tivessem pensado ou escrito dessa forma. Entretanto, não é devido à mesma razão que, por exemplo, os Generais do Exército “perdem” a arma? Em verdade, não se espera que os Generais empreguem suas Divisões de Exército como “artilheiros”, “infantes”, “cavaleirianos”, etc; o mesmo dir-se-ia do Almirante oriundo da Força de Transportes ou da de Submarinos, como do Brigadeiro “de Caça” ou “de Transporte”.

Infelizmente, em 1970, Lavenère-Wanderley ainda tinha de escrever que:

“A maioria das teorias desenvolvidas sobre estratégia militar é demasiadamente especializada, focalizando as operações de uma determinada força armada ou de um determinado tipo de guerra”.

Existirão pensadores mais largos, em 1975?

Há pouco, diversos instrutores nos mais altos estabelecimentos de ensino de pós-graduação militar, perguntados sobre qual o ponto alto, em termos militares, estratégicos, ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, respondiam, em grande maioria: “o desembarque da Normandia”!

Sem desmerecer essa exemplar peça de coordenação e de operação conjunta, fica-se a pensar nas lições, não aprendidas, da “Blitzkrieg”, da “Batalha de Midway”, de “Hiroshima”. Mas até o “Infante Imortal”, o bravo Gen Mark Clark, alegou que a principal diferença entre as duas Grandes Guerras foi o emprego generalizado de aviação, no conflito de 1940/45.

Sobre o segundo ponto, escrevia Douhet em 1908, apenas dois anos depois do primeiro vôo do mais-pesado-que-o-ar:

“Hoje, o campo decisivo é o ar; é necessário emassar no ataque aéreo e apenas resistir na superfície”.

Em 1909, voltava a escrever:

“Uma nova arma ganhou existência”.

Em 1921, numa antevisão do final da Guerra do Pacífico:

“...o emprego de poderosos meios aéreos pode ser capaz de decidir um conflito, em 24 horas...”

Em 1970, Lavenère-Wanderley dizia:

“a... decisão da guerra poderá ser obtida dentro dos primeiros dias ou semanas...”

Que seria de Israel se tivesse ignorado essas verdades!

Entretanto, as lições de Midway, de Hiroshima, da Guerra dos Seis Dias, não serviram de muito, como o comprovaram as tarefas atribuídas à aviação no Vietnã e, mesmo, na Guerra do Yon Kippur...

O terceiro ponto, obscuro mas sempre presente em Douhet, fala do real e único objetivo de toda a guerra. Qualquer estratégia escolhida visaria, *in extremis*, a vencer a vontade do inimigo, ou modificá-la; o entretchoque das armas somente serve para demonstrar quão longe desse objetivo real se poderá estar...

Dever-se-ia, então, trazer para o primeiro lugar a declaração, ainda hoje mantida em terceira posição, na clássica lista de “condições para a decisão de um conflito”:

- 1— A capacidade operacional das forças inimigas é reduzida a tal ponto que nenhuma oposição efetiva é possível (operações contra-força; N. do A.);

- 2 — A estrutura de apoio ao esforço de guerra do inimigo é afetada de tal modo que ele não pode manter o poderio necessário ao prosseguimento das operações (operações de usura; o suposto bombardeio estratégico);
- 3 — A vontade de lutar, no inimigo (Chefes, soldados, povo; N. do A.) é reduzida ao ponto em que deixa de existir a necessária determinação para prosseguir a luta (operações de contra-valor, N. do A.)
- 4 — O Governo inimigo perde o controle necessário a congregar o povo e a dirigir o esforço de guerra (atente-se para as lições de Giap; N. do A.).

Reconhece-se uma série de variantes e combinações dessas "condições básicas", mas a finalidade da guerra geral continua sendo a de dobrar a vontade do inimigo; não a de vencer ou destruir suas forças militares! A célebre figura de que "é preciso um Homem para apertar o gatilho" continua tão presente hoje quanto o foi antanho. E esse gesto torna-se cada vez mais difícil, embora mais impessoal, menos emocional... pois está a exigir sempre mais, em termos de "consciência", de aquiescência para com a ação a perpetrar — hoje, quase sempre, tão terrível!

Parece, então, que a maior missão do General de hoje, sob cujas ordens se alinham os mais terríveis meios de destruição coletiva, é aquela de "cortar a guerra", a todo o custo: se não for possível evitá-la, a de torná-la o mais curta possível — sempre protegendo a nação dos sacrifícios da guerra de usura, das longas e custosas campanhas, do terreno conquistado palmo a palmo, e pago em sangue.

Douhet, por necessidade, extremava suas opiniões — o que lhe custou a incompreensão de alguns, a acusação de muitos e a reação de quase todos. Não se desejaria aqui incorrer no mesmo erro; o que se busca é, simplesmente, oferecer à meditação certos conceitos e algumas capacidades inerentes à admirável invenção de Santos-Dumont, em termos

de Segurança Nacional, bem como oferecer à atenção do leitor aquilo que Giddings (2) chamou de "Estratégia Total"! As lições dos clássicos estão presentes, e qualquer estudo honesto deve compulsá-las e enfrentá-las hoje, de mente aberta e de espírito desarmado.

Como disse o próprio Douhet:

"Na organização da defesa nacional é necessário mudar-se completamente a linha, pois que a forma de qualquer nova guerra futura será inteiramente diferente da das guerras passadas."

ou

"...quando tomamos fatos comprovados como ponto de partida e, ao analisá-los de modo sistemático e lógico, chegamos a determinadas conclusões, é necessário aceitar essas conclusões, mesmo que estejam em oposição às tradições..."

Convida-se o leitor a percorrer os excertos de "The Command of The Air", traduzido da Revista Aeronáutica, 1958; originais do Gen Giulio Douhet, editados em 1928, e perdoar os ligeiros comentários.

"Inevitavelmente, tudo isso conduz a uma radical revolução na forma da guerra, porque as características essenciais foram fundamentalmente alteradas. E não é difícil visualizar como o futuro desenvolvimento da arma aérea, tanto do ponto de vista tecnológico quanto do emprego operacional, conduzirá a um gradual declínio no emprego das armas de superfície." (pág. 8)

As imensamente custosas retomadas das Ilhas, na Guerra do Pacífico — único caminho aceito, na época, para a vi-

(2) GIDDINGS Jr., RALPH L. — "Power, Strategy and Will" — in Air University Review, vol. XXII, n.º 2, Jan/Fev '71.

tória sobre o Japão — pareceram fúteis depois de duas explosões atômicas...

“O fato terrível, mas inescapável, que vem à nossa mente é este: no caso de um conflito, o mais forte Exército, desdobrado nos Alpes, e a mais possante Marinha, cruzando os nossos mares, nada poderão realmente fazer para evitar que um inimigo destrua, se esta for sua intenção, Roma, Milão, Veneza ou outra qualquer das centenas de nossas cidades.” (Pág. 8)

Mutatis mutandis, veja-se a Guerra dos Seis Dias, quando todo o poderio árabe ruiu por terra, quase intato, vítima do emprego estratégico da aviação israelense.

“A destruição testemunhada durante a Grande Guerra foi imensa, mas o povo suportou-a porque ela foi espalhada no tempo e assim pôde, sempre, reparar os danos materiais e morais, que eram repetidamente infligidos. O golpe final, assim, nunca chegou a ser desferido. Mas não há dúvida de que apenas metade dessa destruição teria sido suficiente, se tivesse sido provocada em oito dias.” (Pág. 12)

Recorde-se a rendição incondicional do Japão, após dois ataques atômicos... e a impassividade das tropas vietcongs, após receberem seis vezes mais em quantidade de explosivos!

“Existe apenas um único método certo e prático para impossibilitar o inimigo de atacar-nos com a sua força aérea... e este é: destruir essa força aérea.” (Pág. 15)

E isso se torna crítico quando, no ambiente operacional de uma nação, existem vizinhos que possuem e alimentam capacidades que seriam, é verdade, vencidas... se houvesse tempo para mobilizar... Falsa sensação de segurança!

“De há muito se tem como fato aceito, de um modo geral, que o melhor método para defender a linha da costa contra ataques marítimos não é o espalhar-se navios e canhões ao longo da costa, mas sim, obter-se o comando do mar. As superfícies de terra e do mar podem ser consideradas como as “costas” do ar! As condições são idênticas e, por tanto, essas costas deverão ser defendidas contra ataques inimigos, não espalhando-se canhões e aeroplanos sobre toda a superfície, mas sim, impedindo que o inimigo decole, isto é: obtendo-se o comando do ar.” (Pág. 15)

“Obter o comando do ar envolve uma ação positiva ou ofensiva: esse tipo de ação que é o mais próprio da arma aérea.” (Pág. 15)

“Como pode uma nação continuar a viver e a trabalhar quando oprimida pela ameaça constante, pelo terrível pesadelo da destruição coletiva iminente? Pois que é necessário ter em mente que ataques aéreos podem ser levados a efeito não apenas contra alvos de menor resistência material como também contra aqueles de menor resistência moral...” (Pág. 15)

A Europa conseguiu isso: a Inglaterra, e mesmo a Alemanha, continuaram combatendo sob intensa campanha de “bombardeios estratégicos”! Só que estes não eram suficientemente fortes ou concentrados, e visaram à usura e não à quebra da vontade do inimigo. Quantas lições...

“Aquele que possua o comando do ar e uma adequada força aérea de ataque estará apto a proteger seu território e mares adjacentes contra ataques aéreos e impedir o inimigo de empregar aviação auxiliar (em apoio a operações terrestres e marítimas).” (Pág. 20)

Vide Israel! Vide EEUU! Vide Rússia!

“é de se esperar que a adoção de um meio que permita ao Homem quebrar os grilhões que o prendiam, anteriormente, à superfície da terra, deve conduzir a conseqüências inteiramente novas, sem tradições, ou antes, em contraposição às tradições existentes, quando tudo estava inevitavelmente preso à superfície”. (Pág. 21)

Será que não continuamos a pretender empregar, da mesma forma antiga e clássica, material bem mais moderno?

Douhet chegou a propor os seguintes Corolários:

1 — “Para garantir-se a defesa nacional, é necessário e suficiente estar-se em posição de poder obter o comando do ar, no caso de um conflito.

2 — Se uma força aérea deve ser capaz de obter o comando do ar, ela deve ser independente das forças de terra e mar, tanto em organização como em atividades.

3 — Reduzir gradualmente e até certo ponto as forças de terra e de mar e, ao mesmo tempo, ampliar gradativamente a força aérea necessária para obter o comando do ar.”

Temos nós estudado convenientemente, mesmo para um ambiente apenas continental, as “capacidades” apontadas por Douhet? As “tendências” observadas são as aqui apontadas?

“O meio mais eficiente para destruir aeroplanos inimigos não é o de atacá-los no ar, mas sim, o de destruir certos alvos na superfície que são de vital importância para eles; assim, a Força Aérea deve ser capaz de levar a efeito ataques contra alvos situados na superfície: em outras palavras, ela deve possuir poderosas unidades de bombardeio.” (Pág. 21)

Qualquer Oficial que se tenha demorado no estudo e no planejamento de, por exemplo, uma defesa aérea de área ou uma defesa antiaérea de ponto, mesmo empregando mísseis terra-ar, poderá bem aquilatar quanto de verdade aqui existe; principalmente se tiver se dado ao luxo de calcular os meios a empenhar para defender todos os pontos importantes que uma força atacante inimiga poderia vir a atacar... e com uma probabilidade de interceptação de apenas, digamos, uns 60%!

“Uma vez obtido o comando do ar, as unidades de bombardeio, livres de qualquer oposição, podem dar “rédea solta” à sua capacidade de ataque e lançar-se à tarefa de cortar exércitos e marinhas de suas bases de apoio e a de espalhar o terror e a destruição por sobre toda a nação inimiga, com a finalidade de quebrar-lhe as resistências moral e material.” (Pág. 30)

Veja-se Israel, na Guerra dos Seis Dias, de novo!

“As imensas proporções que os ataques aéreos podem assumir conduzem-nos à seguinte pergunta: como poderemos defender-nos? Minha resposta tem sido sempre — “atacando o inimigo, através do emprego dos atributos essenciais da Força Aérea.” (Pág. 43)

Sic!

“Para defender-nos apenas, o potencial aéreo deverá ser quatro, dez, talvez cem vezes mais forte que o potencial da força aérea atacante.” (Pág. 46)

Voltemos aos planejadores de defesa aérea e de defesa antiaérea... Quão certo estava Douhet!

“Enquanto a arma aérea de uma nação se mantiver na forma presente, constituindo-se, mais do

que em outra coisa, em meios auxiliares a serviço dos exércitos e das esquadras, a verdadeira guerra aérea estará prejudicada." (Pág. 46)

Sem comentários. E isso foi escrito em 1921!!!

"Considere-se o caso de um conflito entre duas nações, uma das quais, "A", possui Força Aérea, enquanto a outra, "B", utiliza apenas aviação do presente tipo (auxiliar, tática; N. do A.). Uma Força Aérea deve estar sempre preparada para a ação, do contrário perderá 90% de sua capacidade efetiva. Embora em tempo de paz ela possa estar desdobrada por todo o território nacional, a Força Aérea, devido à sua velocidade de deslocamento, pode, em horas, estar emassada e pronta a operar. A organização e a logística devem ser tais que permitam o emprego da Força Aérea imediatamente após o início das hostilidades. Assim, a Força Aérea de "A" inicia suas operações, enquanto "B" estará, ainda, mobilizando suas forças. Mas suponha-se que "B" tenha mobilizado imediatamente toda a sua aviação tática: é óbvio que a Força Aérea de "A" gozará de quase completa liberdade de ação, já que os caças de "B" certamente não impedirão seus movimentos, mesmo causando algumas perdas, desde que "A" possua uma Força Aérea adequada. Dessa forma, a Força Aérea de "A" poderá, rapidamente, obter o comando do ar, ao destruir as Bases, os suprimentos e os centros de produção da aviação de "B". Uma vez tenha sido obtido o comando do ar, as unidades de combate de "A" terão cumprido sua principal tarefa e poderão ser empregadas em auxílio das forças de superfície, se for o caso. Uma vez obtido o comando do ar, a Força Aérea estará inteiramente livre para operar, sem oposição, sobre todo o território inimigo e, naturalmente, usará dessa vantagem para infligir o máximo de danos." (Pág. 47)

“Deixe-se o leitor, que acredita estarmos escrevendo de maneira muito pessimista, dar uma olhada no mapa da Itália e imaginar-se como o comandante de uma Força Aérea estrangeira, capaz de destruir 50 alvos por dia (e isso não requer mais que uns mil aviões e uns poucos milhares de homens, para operá-los). Deixe-se, então, que tire suas próprias conclusões...” (Pág. 48)

Quais estão sendo suas conclusões, leitor amigo?

“Aviação auxiliar são aqueles meios aéreos utilizados no apoio das operações dos exércitos e das esquadras, em suas respectivas esferas de ação. Se a aviação auxiliar deve integrar os ataques dessas forças, então:

- ela deverá depender de forma absoluta, com respeito à organização e ao emprego, das Forças a que servem, e
- ela deve ser incluída nos orçamentos do Exército e da Marinha.” (Pág. 60)

“Não interessando quanto se possa discordar de minhas opiniões, acredito não ser mais possível, hoje, (1921!; N. do A.) fechar-se os olhos à necessidade de estar-se preparado para a luta no ar”. (Pág. 62)

Nossa pergunta seria: à luz das lições oferecidas por Douhet, e pela História, podemos considerar-nos preparados para a luta no ar?

“A possibilidade de utilizar-se aviação auxiliar depende do resultado da luta pelo comando do ar — um resultado sobre o qual a aviação auxiliar não tem ingerência. Conseqüentemente, os meios aéreos designados para a aviação auxiliar não são mais que

meios desviados do objetivo principal, e serão inúteis se este objetivo não for alcançado." (Pág. 84)

Sic! Sic!

"Sumariando as idéias fundamentais sobre que, em minha opinião, deve basear-se o Poder Aéreo:

- 1 — Na guerra aérea, o objetivo máximo deve ser o de obter-se o comando do ar. Uma vez atingido tal objetivo, a tarefa da Força Aérea deve ser a de levar a cabo ofensivas contra alvos de superfície, com a finalidade de quebrar-se a resistência moral e material do inimigo.
- 2 — Nenhum outro objetivo, fora dos dois acima citados, deverá ser perseguido, a não ser que se queira "pular nas mãos do inimigo".
- 3 — O único instrumento capaz de garantir a consecução desses objetivos é ter-se uma Força Aérea independente, composta de u'a massa de unidades de combate e de certo número de unidades de reconhecimento.
- 4 — O poderio de uma Força Aérea deve ser o maior possível, dentro dos limites dos recursos existentes; dessa forma, nenhum recurso deverá ser, sob nenhuma circunstância, desviado para objetivos secundários, tais como aviação auxiliar, defesa aérea ou defesa antiaérea.
- 5 — Tudo deve ser feito para ampliar-se ao máximo a eficácia dos meios de destruição (explosivos, incendiários, gases venenosos), porque, sendo iguais as outras condições, o potencial ofensivo de uma Força Aérea é proporcional à eficiência de seus meios de destruição.
- 6 — A guerra aérea admite, apenas, a postura ofensiva." (Pág. 108)

E voltamos a Israel, na Guerra dos Seis Dias! As idéias 1, 2 e 3 foram, então, seguidas à risca; a idéia 5 foi magnífica e eficazmente explorada; a de número 6, representou o coroamento do emprego dos princípios propostos por Douhet. Somente a idéia n.º 3 não foi obedecida de forma absoluta, embora toda a Força Aérea tivesse sido empenhada em missões ofensivas, com um *minimum minimorum* reservado à Defesa Aérea.

Mas vejamos o que se pode encontrar em "Estratégia Militar e Desarmamento", do Ten Brig Nelson Freire Lavenère-Wanderley: (3)

"Cada país tem de desenvolver sua própria estratégia, de acordo com suas condições peculiares... e... com as possibilidades dos prováveis inimigos."
(Pág. 23)

Deve-se, portanto, ter extremo cuidado na importação de modelos alienígenas, como na perseveração em modelos tradicionais, talvez ultrapassados.

"Ações militares na guerra moderna:

- 1 — Contra os pontos vitais da nação inimiga;
 - 2 — Contra as forças estratégicas de ataque do inimigo;
 - 3 — De defesa de objetivos no território pátrio;
 - 4 — De apoio a operações militares, nos TO."
- (Pág. 24)

Parece, entretanto, que os últimos itens da relação acima é que têm recebido mais atenção; não se tem programado o atendimento às ações capituladas em primeiro e segundo lugares.

"A estratégia militar, no passado, caracterizou-se pela dominância da estratégia de forças de

(3) Ed. Bloch, 1970.

superfície, na qual as principais idéias eram, a mais das vezes, as de invasão e ocupação do território inimigo. A guerra moderna permite maior flexibilidade na composição das ações militares, existindo a probabilidade de se poder neutralizar, nas origens, o esforço de guerra inimiga e com possibilidades maiores de neutralizar-se as forças inimigas sem ter-se de destruí-las." (Pág. 25)

"As alianças sólidas e os antagonismos irreconciliáveis já não são tão facilmente definidos: surgem as tendências para o mundo multipolar, acentuadas pelo aparecimento de novas potências nucleares." (Pág. 28)

Sic! E veja-se os recentes acontecimentos mundiais... e o funcionamento das "alianças"...

"...mas deterrência é tanto um problema militar quanto psicológico; depende da avaliação que o agressor faz do risco envolvido e não apenas do exame de situação realizado pelo que procura exercer a ação de deterrência, dependendo, também, do agressor potencial."

"A deterrência é uma questão de 'força em ser', de um lado, e de 'atitude mental', do outro."

"Um sistema de deterrência tem de atender aos requisitos seguintes:

- 1 — Possuir uma capacidade operacional efetiva, desde o tempo de paz, e deve ser mantido no mais alto grau de prontidão,
- 2 — Ser capaz de sobreviver a ataques de surpresa,
- 3 — Incorporar sistemas de alarme, comando e controle alternativos, que permitam a tomada de decisão, mesmo sob ataque,

- 4 — Ser capaz de 'negociar' (penetrar; N. do A.) as defesas inimigas e atingir seus objetivos, e
- 5 — Ter o potencial necessário para destruir os objetivos selecionados, a despeito de defesas ativas ou passivas, proteções e blindagens."

A capacidade operacional refere-se, é lógico, à Aviação Estratégica. Mas quantos planejamentos, mesmo escolares, se têm feito seguindo esses princípios?

Lavenère-Wanderley diz, citando Liddell-Hart:

"Antes de engajar as forças inimigas numa batalha, é necessário desequilibrá-las psicologicamente e fisicamente; consegue-se isso, com mais facilidade, adotando-se uma aproximação indireta." (Pág. 33 e 34)

"A aplicação do poder aéreo na Zona do Interior (Sic) do inimigo é, também, uma aproximação indireta; em vez de preocupar-se de, a grandes custos, derrotar as forças inimigas no TO, passa-se por sobre elas e busca-se atingir as fontes do Poder Nacional do inimigo, desequilibrando-se o seu esforço de guerra." (Pág. 35)

"A execução de uma guerra é um ato físico; a direção da guerra é um ato mental. Tanto antes como durante o desenrolar das operações militares, as ações que influem na atitude mental dos Chefes inimigos (e dos Soldados e do povo inimigos; N. do A.), muitas vezes (sempre; N. do A.) constituem a base da melhor estratégia." (Pág. 36)

Que órgão, realmente especialista, existe na organização, em qualquer nível, para cuidar desse importante aspecto do problema? Parece que se pretende fazê-lo com os "Oficiais de Estado-Maior": mas será que estão tecnicamente preparados para planejar uma tal campanha?

Hitler possuía uma das melhores equipes que já existiram; os americanos utilizaram-se das maiores capacidades do país para orientar sua campanha; os russos promovem cursos de graduação, especialmente dirigidos a esse tipo de ação.

Em "POWER, STRATEGY AND WILL", como transcrito na Air University Review, de Jan/Feb de 1971, o Coronel Reformado, do Exército dos Estados Unidos, P.L. Giddings, escrevia:

Citando o Marechal De Saxe:

"A solução está no coração dos homens..."

"Ninguém escreveu sobre esse assunto, que no entanto é o mais importante, o mais estudado e o mais profundo da profissão da Guerra. E sem um bom conhecimento do coração dos homens, fica-se dependendo dos favores da fortuna, da sorte."
(Pág. 19)

Citando Clausewitz:

"A guerra é um ato de força, para compelir o inimigo a proceder conforme a nossa vontade."
(Pág. 19)

Giddings, o autor e propositor da "Estratégia Total", pretendeu chamar a atenção para um dos mais, se não o mais importante fator envolvido nos conflitos humanos. Vejamos como Giddings analisa a guerra:

"Os estrangeiros ocidentais, de um modo geral, têm-se concentrado no 'ato de força', e negligenciado a sedução psicológica da vontade. Clausewitz, Mahan, Douhet, discutiram as formas que o 'ato de violência' pode tomar, mas Mao, Giap e Guevara analisaram, com toda a atenção, o objeto último das operações militares: a vontade dos homens." (Pág. 20)

Não deveríamos aprender alguma coisa, com as lições que a História está a oferecer? O que parece ter sido uma vitória mais sólida para o bloco comunista: Tcheco-Eslováquia ou Vietnam?

“O General Westmoreland ocupou-se de missões de caça e destruição, enquanto as intenções de Giap foram sempre as de sobreviver aos americanos, que durar mais que eles e não de aniquilá-los.” (Pág. 20)

Sic! Sic! Hoje conhecemos o resultado!

“Para aprender-se sobre vontade, é preciso estudar Aristóteles, Santo Tomás de Aquino, Kant, Freud; não Alexandre, o Grande, Newton, Napoleão ou Enrico Fermi. A vontade é a potência da livre escolha. É a liberdade de determinação, por parte daquele que tem a possibilidade de impor seus desejos. Possuir liberdade de escolha é ter vontade livre. Na medida em que uma nação pode, livremente, determinar suas próprias ações, estarão limitadas suas possibilidades, sua potencialidade e sua soberania. Quando uma nação não tem mais liberdade de escolha, ela está impotente...” (Pág. 20)

Vide comentários feitos anteriormente sobre a necessidade curricular do especialista em “vontades”, e a solução atual, e as previsões a respeito...

“Idéias, *slogans* e propaganda podem ser mais importantes que a força física ou que recursos materiais. Já que o objetivo real é impor-se a ‘vontade’ e não ‘baixas’, a destruição da vontade de resistir do inimigo parece mais vital que a sua habilidade em resistir à força.” (Pág. 20)

“Poder” pode ser definido como a capacidade de impor uma vontade sobre outra vontade, através da

persuasão ou da coerção. Esta capacidade existe sob diversas formas e abrange recursos físicos, mentais e espirituais. O Poder pode estar latente ou em exercício. É necessário distingui-lo de 'força', que implica sempre em coerção, como também de 'desejo', que implica em fraqueza. Tentativas de aplicação de uma forma de Poder, isolada de suas outras manifestações, poderá, quando muito, gerar soluções apenas parciais." (Pág. 21)

"Apesar da tendência popular de considerar a pressão política (o poder político) como amoral, o poder é a essência da vida política. . . Poder, no contexto político, significa a dominação de um homem, ou de um grupo de homens, sobre as mentes e as ações de outros homens. É um fenômeno encontrado sempre que seres humanos vivem em contato; e já que todo contato social envolve o choque de vontades, a Segurança Nacional deve, claramente, estar fundada na "Vontade Nacional". (Pág. 21)

"O protesto pacífico" é indubitavelmente, uma tentativa de exercer poder sobre a solução de um problema de interesse público. O que poderia exemplificar melhor essa forma de poder que a pacífica campanha do Mahatma Gandhi para acabar com o controle Inglês sobre a Índia?". (Pág. 21)

Citando Morgenthau, diz Giddings:

"Poder pode ser qualquer coisa que estabeleça e mantenha o controle do homem sobre o homem. Assim, o Poder cobre todas as relações sociais que sirvam a esta finalidade, desde a violência física até as mais sutis ligações psicológicas, através das quais uma mente controla outra mente. O Poder cobre a dominação do homem sobre o homem, mesmo quando ele é disciplinado por finalidades morais e controlado através de seguranças constitucionais. . . ou

quando ele é apenas a força bruta, bárbara e sem peias, que baseia suas leis em nada mais que sua própria força e sua única justificativa na sua própria ampliação". (Pág. 21 e 22)

Morgenthau é conhecido por apresentar verdades, algumas vezes duras; mas o pragmatismo responsável exige que se as conheça a fundo. Continuemos com Giddings:

"Paz e guerra formam um contínuo e não domínios separados..." (Pág. 21)

"A estratégia envolve a geração e a aplicação de Poder (não necessariamente de "força") nas situações de conflito. No palco internacional, a estratégia é o sistemático desenvolvimento e emprego do Poder Nacional, incluindo (mas não se limitando a) o emprego do Poder Militar, para garantir os objetivos estabelecidos pela Política Nacional. A estratégia é uma arte mais que uma ciência, porque é a vontade humana, não a força física, que vai predominar." (Pág. 21 e 22)

"Estratégia Total" é a geração e a aplicação de todas as formas de Poder que sejam úteis para a consecução dos nossos Objetivos Nacionais. Ela é "Total" na medida em que seja completa, não no sentido de ser incondicional ou ilimitada. A "Estratégia Total" exige a orquestração de todas as formas de Poder, para assegurar seu emprego simultâneo e harmônico." (Pág. 22)

Observe-se a extrema coordenação que deveria existir entre *todos* os órgãos executantes, civis e militares, de administração direta ou autárquicos.

"A persuasão econômica, militar e psicológica deve ser explorada tanto durante a paz como na guerra."

“A ‘Estratégia Total’ não se limita a ações militares. A Crise de Cuba (Out 62), por exemplo, foi uma disputa de vontades entre os Estados Unidos e a Rússia. Ela foi vencida pelos Estados Unidos, sem o emprego efetivo de força militar.” (Pág. 22)

“A persuasão é a manipulação da vontade humana, através de apelos à razão, à prevenção ou a interesses. Utilizada com habilidade ela pode afetar o comportamento humano, alterar atitudes e modificar os objetivos humanos. A persuasão estratégica inclui, mas não está limitada à guerra psicológica.”

“Quando a persuasão é usada desta forma — seja ela falsa ou verdadeira, ética ou repugnante, boa ou má, pública ou encoberta — ela é chamada ‘Propaganda’.”

“É difícil convencer-se a um homem bem alimentado de que ele está com fome; pode-se, entretanto, convencer um hipocondríaco de que ele está morrendo...” (Pág. 23)

É imprescindível, portanto, quando não se pode ter a todos “bem alimentados”, que não se os tenha, ao menos, “hipocondríacos”... E aí estaria a Grande Missão da Comunicação Social!

“O vencedor final do presente conflito mundial bem poderá ser aquele que ‘ganhar’ a mente dos homens. ‘A solução está no coração dos homens’ e precisamos buscá-la ali! Deve-se reconhecer a persuasão estratégica como um novo instrumento de poder, a ser empregado na defesa dos interesses nacionais, ao lado dos instrumentos tradicionais tais como a diplomacia e a guerra.” (Pág. 23)

A quem cabe, na nossa estrutura, formular, preparar e empregar esse novo instrumento?

“Buscando vencer a vontade do inimigo, o estrategista deve lembrar-se de que, embora a vontade seja imaterial, ela é bastante real. Sendo real, ele só poderá ignorá-la sob considerável risco; mas sendo ela imaterial, deve ser atacada indiretamente.” (Pág. 24)

“A mais completa vitória sobre uma vontade oponente é o convencê-la do acerto da nossa própria vontade; a vitória menos satisfatória é o forçar-se uma submissão indesejada.” (Pág. 24)

Voltemos a comparar, sob o prisma comunista, as vitórias no Vietnã e na Tchecoslováquia... Qual das duas representou um real controle das vontades (significando concordância, mesmo que tácita) das populações dominadas?

“Em linhas gerais, a vontade pode ser atacada e controlada através de:

- 1 — o emprego (ou a ameaça do emprego) de violência física, de forma a ameaçar a liberdade (ou mesmo a existência, a vida) do corpo. Esse é o emprego ocidental clássico dos poderes militares e do de polícia. Representa uma abordagem à vontade pelo medo.
- 2 — o oferecimento de gratificações e punições, de modo a tornar a consecução do objetivo original da outra vontade parecer indesejável. Representa a abordagem através do interesse. (Poder econômico; N. do A.)
- 3 — o exercer influência sobre a opinião, utilizando a persuasão de modo a tornar os

objetivos originais parecerem indesejáveis agora. Representa a abordagem pela crença (propaganda)". (Pág. 25)

"Mas existe um outro modo, talvez ainda mais aterrador, para atacar a liberdade da vontade. Se o fim mesmo da estratégia total é destruir a vontade de resistir, os alucinógenos (LSD, maconha, etc.) podem fornecer a arma principal... O que pode ser mais letárgico que um viciado satisfeito?" (Pág. 25)

"O emprego estratégico de alucinógenos, soros da verdade, mutações genéticas (muito auxiliada pela liberdade sexual de hoje; N. do A.) pode fazer de um tirano o senhor do mundo." (Pág. 25)

A importância do tóxico, do alucinógeno, do sexo é, além de sócio-cultural, também estratégica, como se pode facilmente deduzir. Isto sem falar-se em psicopolítica...

"Sabe-se que o poder de uma nação depende de sua população, seu território, sua riqueza, sua capacidade tecnológica e suas Forças Armadas; menos sabido é que depende, também, de suas crenças, seus credos. Crenças não podem ser pulverizadas pelo fogo ou pela espada, e credos não podem ser defendidos pela bomba atômica." (Pág. 26)

"Nunca essa limitação (o emprego exclusivo de força militar, N. do A.) esteve mais exemplificada do que agora, na guerra árabe-israelense. Os Arabes foram decididamente derrotados em 1948, em 1956 e, novamente, em 1967. No entanto, paradoxalmente, cada vitória israelense teve apenas o poder de fortalecer a vontade árabe." (Pág. 26)

Parece que Douhet, afinal, há mais de 50 anos atrás, vislumbrara, como um Da Vinci, algumas verdades radicais...

Os três pontos capitais de seus escritos, apresentados inicialmente, serviram para mostrar quão atual e correto era o seu pensamento!

Pretendeu-se, nessa ligeira coletânea de diversos pensadores militares — e de fontes comumente aceitas — apresentar as idéias básicas do iluminado e esquecido General Giulio Douhet, tão pouco lido, mas de análises tão claras que, mesmo sem o reconhecerem, as Forças Aéreas das grandes potências seguem ainda hoje os princípios que ofereceu desde os idos de 1909; É nossa intenção ter apresentado aos estudiosos do “emprego da violência organizada”, algumas idéias talvez algo chocantes, para que meditem sobre outras e novas soluções para velhos problemas.

Se os psicólogos ainda não chegaram a um acordo sobre como se processam os pensamentos criadores — e os mais incrêus digam que . . . “no mundo nada se cria”. . . nada obsta que se pratique, ao menos em teoria, um pouco de heurística, já que não se pode ainda pensar em “sinécticos”.

Mas as lições da História, ao menos, são de estudo mandatório!

“Não tenhas apreensões; não sabes o que o futuro te reserva; e, quase sempre os nossos maus pressentimentos são, justamente, os que nunca se realizam.”

THOMAS JEFFERSON